

## O bom samaritano\*

Gertrud Grimm

Pouco antes do escurecer ouvem-se fortes batidas no portão, do lado de fora e, curiosa, Dona Érica espia pelas frestas da veneziana, quem pretende entrar tão inesperadamente e em hora tão tardia. Ela não vê muita coisa, um grande galho da árvore frondosa impede-lhe a visão. Só se apercebe que lá fora está um desconhecido, que agora se manifesta por um bater de palmas, mais forte e repetido.

O marido, artesão estabelecido, ainda não está em casa, talvez seja um cliente querendo encomendar um serviço. Por isso Érica vai até o portão saber o que o homem quer. Mas, mesmo antes de chegar ao portão, já o homem se lhe dirige, sorrindo amigavelmente como se ela fosse uma velha conhecida: “Boa Noite, Dona Érica, seu marido já chegou?”

Ela nega, sentindo certa estranheza diante do comportamento confiado do desconhecido. E, antes que possa tecer um comentário, o homem continua, emendando: “Ainda não? Tenho muita pressa... preciso falar urgentemente com ele... não posso, pelo menos, alcançá-lo em algum lugar pelo telefone?”

Entrementes, Érica arruma tempo para examinar melhor o homem; estatura pequena, atarracada, um rosto surpreendentemente vermelho, na mão alguns frascos de remédio e, pendurado no braço, um grande rolo de fio elétrico. O fio confirma a impressão de Érica de que se trata de um cliente de seu marido e, prontamente, dá as informações: “Provavelmente, meu marido vem hoje mais tarde, por acaso, sei que ele vai se encontrar com um cliente às 8 horas. Se o senhor precisa falar com ele com urgência, é melhor ir agora mesmo até o centro; o senhor vai encontrá-lo com certeza no restaurante da Praça Quinze.” O desconhecido reflete por alguns instantes e murmura mais para si mesmo do que para Érica: “Não é possível, assim não dá tempo... que azar... uma pena.” Érica interrompe o homem: “Não pode ficar para amanhã? Não posso dar um recado para meu marido?” O homem olha para o chão sacudindo a cabeça e Érica pergunta: “Do que se trata afinal?” O estranho luta com alguma timidez antes de tomar coragem para falar, mas depois Érica ouve a seguinte história: “Moro em Santa Maria e tive que resolver alguns negócios aqui em Porto Alegre. Um bom amigo meu, um negociante bem situado de Santa Maria, pediu-me para procurar-lhe o irmão, que mora por aqui perto, entregar-lhe um pacote e dar-lhe alguns recados. Há alguns dias atrás procurei sua casa,

---

\* O conto “O bom samaritano” de Gertrud Grimm foi agraciado com um prêmio de consolação no valor de Cr\$ 100,00 no âmbito de nosso concurso (lema: “amor ao próximo”). A editora. Tradução de Karola Zimber. *Serra-Post-Kalender*. Ijuí, Ulrich Löw, 1952, p.227-232.

quase não a encontro nesta região isolada.” Neste ponto o homem faz um movimento indefinido para trás. “Bato e bato palmas... nenhuma alma aparece, a janela está aberta, mexo na porta. Não estava trancada. Entro, e lá está o coitado, com febre alta, quase sem sentidos, deitado na cama, completamente vestido. Corro rapidamente à procura do armazém mais próximo para telefonar a um médico, só no terceiro armazém encontro um telefone. Depois volto correndo, quase sem fôlego. Preciso aguardar a chegada do médico, enquanto isso, escrevo a toda pressa uma carta explicativa para o irmão em Santa Maria. O médico prescreve vários remédios e, de duas em duas horas, uma injeção. Agora ele já está bem melhor. Hoje também chegou um telegrama do irmão, dizendo que virá amanhã ou depois de amanhã, para me dispensar do atendimento. Os remédios acabam hoje e, por infelicidade, quebrei a seringa de injeção. Há pouco, enquanto fervia a seringa, de repente, levei um choque elétrico, provavelmente um pequeno defeito no aquecedor ou no fio.” Ele aponta para o fio pendurado em seu braço. “Já fui até o eletricitista para ele olhar o defeito, mas ele está de cama com uma gripe forte; deu-me este outro fio e, agora, tenho que ver como me arrumo para fazer o conserto... Para concluir, preciso conseguir rapidamente uma nova seringa, em menos de uma hora tenho que aplicar outra injeção... e também o medicamento acabou.” Ele aponta para os frascos vazios em sua mão, e continua com sua narrativa. “É que durante estes poucos dias gastei com o médico, os remédios, as injeções e as muitas ampolas, todo o dinheiro que tinha comigo, e agora não sei o que fazer até a chegada do irmão; uma interrupção do tratamento poderia ser prejudicial. O doente é um velho e querido amigo do seu marido, por isso, ele me manda aqui com o pedido de ajuda de cem cruzeiros até a chegada do irmão.”

Érica, uma pessoa de natureza bondosa e prestativa, fica sinceramente triste por não ter dinheiro em casa... justamente hoje venceu a conta de luz, e também hoje ela tinha feito uma compra maior no armazém e também levado lenha, e assim ela só tem alguns centavos em casa. Mas ela tem uma ideia feliz: “Fale com o farmacêutico, onde comprou a injeção e os medicamentos, e ele certamente lhe dará o necessário para até depois de amanhã.” Diante deste conselho, como que um brilho passa pelo rosto do homem e, enquanto se despede rapidamente para procurar a sorte com o farmacêutico, agradece com veemência o conselho.--

Quando o marido de Érica volta para casa, aborrecido por ter esperado inutilmente pelo cliente, ouve o relato de Érica enquanto meneia a cabeça, e felicita-a por não ter dinheiro em casa. “É tudo mentira, nunca tive um conhecido que morasse lá atrás no morro. Se você tivesse pelo menos lhe perguntado o nome.” E, com este comentário, o assunto para ele estava encerrado.

Na manhã seguinte, bem cedo, uma senhora alemã, moradora nas proximidades, procura Érica e, antes mesmo, de dar bom dia pergunta, muito nervosa: “Diga-me, Dona Érica, quem era afinal o homem que a senhora mandou a nossa casa ontem à noite?” Érica olha para a mulher com espanto, não entende do que se trata e diz, sacudindo a cabeça: “Não mandei ninguém à sua casa.” No

mesmo momento, porém, lembra-se do desconhecido de ontem à noite, mas antes que possa responder, a mulher conta-lhe: “Ontem à noite, já estava escuro, alguém bate palmas ao portão. Meu marido ainda estava no banho e eu vou ver quem é. Lá fora está um homem, que me diz: “Boa noite, Dona Martha, lembranças da Dona Érica, a senhora pode ter a gentileza de emprestar-lhe a seringa de injeção até amanhã cedo.” Pergunto assustada se Dona Érica está doente. “Não”, diz ele, “não se trata de Dona Érica, uma nossa conhecida adoeceu subitamente, pedi a Dona Érica para olhar um pouco por ela e lhe dar uma injeção, pensando que ela tivesse uma seringa, mas ela me mandou falar consigo.” “Naturalmente, dei-lhe a seringa.” Érica interrompe Dona Martha e relata detalhadamente sua experiência da noite anterior, enquanto lhe assegura: “Não falamos absolutamente da senhora, eu nem sabia que a senhora possui uma seringa e jamais mandei o homem a sua casa... meu marido parece ter razão, ele logo disse ontem à noite que era tudo mentira.” Suspirando, Dona Martha continua: “Se fosse só a injeção, mas isso não é tudo... Estávamos prontos para ir dormir, quando o sujeito volta, meu marido vai até o portão e se deixa convencer a dar ao homem mais 54 cruzeiros. Eu fui contra, não confiei na coisa, mas meu marido sempre foi assim, se alguém se lamenta um pouco, então dá tudo... Supostamente deveriam ser aplicadas três injeções durante a noite. A doente não tinha dinheiro, ele mesmo só receberia algo no fim da semana, e já esperavam há horas pelo seu marido, Dona Érica, que tinha ido para São Leopoldo justamente nessa data, e a senhora desconhecia se ele retornaria no mesmo dia, e as injeções tinham pressa, a doente estava meio moribunda, e Dona Érica devolveria o dinheiro logo no dia seguinte. Uma ampola custava 18 cruzeiros, etc.. E meu marido, aquele burro velho acredita em tudo e paga. Fiquei tão furiosa, queria ter brigado, mas não pude falar muito, afinal eu também lhe tinha dado a injeção. Eu gostaria de ter vindo logo ontem à noite, mas já era tarde e também estava escuro.”

Quando Dona Martha, a caminho de casa, ainda vai ao armazém fazer uma pequena compra, e conta o acontecido, fica sabendo que, na noite anterior, um homem tinha tomado alguns tragos e feito algumas perguntas curiosas. Queria saber, se havia muitas famílias alemãs na região, perguntou pelo seu nome e também queria saber a profissão dos homens. O dono da venda não percebera a coisa e conversara um bom tempo como o homem. Agora, comenta, rindo: “Será que ele teria a mesma petulância, se seu marido fosse advogado ou policial?”--

Algumas semanas mais tarde, Érica e o marido faziam compras na cidade e, de repente, Érica puxa seu marido pelo braço e exclama muito nervosa: “Max, lá, lá na frente, em frente a nós, lá está ele, e tem até rolo de fio no braço.”

Neste momento, o homem lá adiante vira-se e, quando vê Érica, apressa o passo e tem a sorte de escapar com a mudança do semáforo, antes de Érica e o marido chegarem ao cruzamento. Os dois precisam esperar e ele ganha uma grande dianteira. Max persegue-o com os olhos e vê que ele

envereda por uma travessa. Mal o semáforo abre, ele corre a passos largos, Érica mal consegue acompanhá-lo. Mas é tarde, não há nenhum traço seu, parece que a terra o engoliu.

E Max diz para Erika: “Você se recorda que, na noite em que o patife quis enganar você, eu tinha um encontro com um cliente e o sujeito me deixou esperando e não chegou? O belo cliente e o patife são uma e a mesma pessoa. Para ter certeza de que eu não lhe estragaria o negócio, marca comigo um encontro, no mesmo horário em que quer testar sua burrice, e assim fica completamente livre de ser perturbado por mim. Foi realmente uma sorte você não ter dinheiro em casa. Espero que você tire uma lição desse episódio e compreenda que ‘generosidade demais é burrice e burrice é explorada’.”